



Pesquisa mostra que o atraso na compra dos fármacos fez com que aproximadamente 77% das pessoas acima de 18 anos não estejam com o ciclo de imunização completo. Ainda é preciso oferecer 190 milhões de aplicações

Falta vacina para todos os adultos

» MARIA EDUARDA CARDIM
» GABRIELA BERNARDES*

Apesar de a vacinação contra a covid-19 ter ganhado tração, o que vem se manifestando nas reduções das médias móveis de mortes e casos registrados da doença, o atraso na compra dos fármacos faz com que aproximadamente 77% das pessoas elegíveis para tomar as doses — acima de 18 anos de idade — não estejam completamente imunizadas. Representa que o Brasil ainda precisa aplicar cerca de 190 milhões de injeções para atingir a imunização completa de toda a população adulta, de acordo com um estudo da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Segundo os pesquisadores, ainda que a velocidade de crescimento da cobertura vacinal tanto com o esquema completo quanto com a primeira dose tenha aumentado consideravelmente nas últimas semanas, o ritmo ainda é insuficiente para que o país “chegue à cobertura vacinal desejável, de pelo menos 90% da população imunizada com a segunda dose, até 31 de dezembro de 2021”.

Por isso, o levantamento elaborado pelos professores Guilherme Loureiro Werneck, Lígia Bahia e Jéssica Pronestino de Lima Moreira, da UFRJ e da Uerj, e Mário Scheffer, da USP, conclui que “caso a oferta de vacinas e a velocidade de vacinação não aumentem substancialmente, a imunização completa de pelo menos 90% na população elegível (acima de 18 anos) só poderia ser alcançada no primeiro trimestre de 2022”.

Otimismo

A conclusão é contrária ao que afirma o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que fala em imunizar toda a população brasileira com mais de 18 anos até o final deste ano. “Temos doses suficientes para o segundo semestre e é possível garantir que até o fi-

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Para piorar o descompasso da vacinação, estados e municípios aceleram as faixas etárias de imunização e atropelam o Ministério da Saúde



Em todos esses cenários, a oferta de doses terá que ser muito maior do que a prevista para vacinar a população adulta em 2021*

Trecho do estudo realizado por professores da USP, da UFRJ e da Uerj

nal do ano de 2021 tenhamos a nossa população inteiramente vacinada”, disse ao Correio em abril.

Na época, o ministro ainda nem contava com alguns dos problemas relatados no levantamento pelos pesquisadores. Um deles é a quantidade de idosos não imunizados. Mesmo que a vacinação de pessoas com mais de 60 anos tenha sido dada como “concluída”, e os estados e municípios tenham avançado nas faixas etárias, os dados da pesquisa — obtidos no site do *OpenDataSUS*, em 18/07/2021 — apontam que na população



acima de 60 anos, 5% ainda não receberam qualquer dose. Pior: 31% ainda não estão completamente protegidos, com duas aplicações ou a única da Janssen.

Ao observar esse grupo com mais de 60 anos, entre os que tomaram a primeira dose, cerca de 7% (ou 2,1 milhões de cidadãos) não retornaram para receber a segunda ou ainda não tiveram sua aplicação adicional registrada no sistema. O problema vem sendo observado pelo Ministério da Saúde, que contabiliza cerca de 4 milhões de pessoas atrasadas para tomar a injeção

que fecha o ciclo de imunização.

Para tornar o quadro de vacinação ainda mais irregular por conta das lacunas nas várias faixas etárias, alguns governos estaduais anunciam novas metas — como a imunização de crianças e adolescentes, de 12 a 17 anos, ainda este ano, e a aplicação de terceira dose (reforço da vacinação) para toda ou parte da população adulta vacinada. “Em todos esses cenários, a oferta de doses terá que ser muito maior do que a prevista para vacinar a população adulta em 2021”, alertam os pesquisadores.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

ECOLOGIA

Antena amplia fiscalização ambiental

» FERNANDA FERNANDES

O Ministério da Defesa inaugurou, ontem, a nova antena multissatélite, instalada em Formosa (GO), que deverá ampliar a fiscalização ambiental em todo o território nacional, especialmente na Amazônia e regiões com alto índice de queimadas e que mais sofrem desmatamento. De acordo com o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, as ações ambientais foram intensificadas desde 2019, e a nova antena possibilitará o compartilhamento de dados dos satélites nacionais operados pela Força Aérea Brasileira (FAB) e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), em tempo real.

Segundo Rafael Costa, diretor do Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam), o equipamento, de 11,3 metros, permite o compartilhamento de dados em poucos minutos após a passagem do satélite, o que será um avanço. “Antes, demorava dias ou até semanas para recebermos as imagens capturadas. Com a antena, será possível fiscalizar áreas de desmatamento e garimpo, e até de derramamento de resíduos no mar, e disponibilizar rapidamente aos órgãos de fiscalização ambiental”, disse à imprensa, após o evento de inauguração.

De acordo com o diretor de Produtos do Censipam, Helzio Vieira Junior, a demora para o recebimento dos dados ocorria porque os satélites por radar, únicos que podem capturar imagens através das nuvens ou cerração fechada (comuns na floresta amazônica), são estrangeiros, e os dados eram enviados ao território de origem para serem processados e, só então, disponibilizados ao Brasil. “Com a nova Antena, não preciso que a imagem saia do meu território. Minutos após a captura pelo radar, ela está em nosso computador e pode ser analisada”, afirmou.

Ele salienta que todos os órgãos do governo terão acesso aos dados do equipamento. “Ibama, ICMBio, Funai, todas as secretarias estaduais, e qualquer órgão que necessitar de informação sobre o meio ambiente, terá acesso”, assegurou.

Vigilância

Um dos desafios enfrentados pelo governo é a falta de “braços” para fiscalização. Helzio explica que a demanda atual já não consegue ser suprida e, com a antena, deverá aumentar. “A gente identifica o desmatamento e prioriza os lugares com maior probabilidade de desmatamento ativo, que são aqueles onde as pessoas estão desmatando, de modo que a chance de prender essas pessoas em uma ação seja maior”, observou.

Para a diretora de Ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), Ana Alencar, o investimento em tecnologia é sempre bem-vindo, mas deve vir acompanhado de ação. “Não adianta investir só em tecnologia e disponibilidade de dados, até porque a tecnologia que já temos já nos dá dados em tempo quase real. É preciso que sejam tomadas medidas contra a questão do crime ambiental e hoje existe dificuldade de atuação. Esses dados precisam virar ações e as pessoas precisam começar a entender que existe uma governança ambiental e que há punição para quem comete crimes ambientais”, ressaltou.

OBITUÁRIO

Roberto Romano, filósofo e professor

» JORGE VASCONCELLOS
» FABIO GRECCHI

Uma das maiores autoridades em ética no país, o filósofo, escritor e professor Roberto Romano, de 75 anos, morreu ontem por complicações decorrentes da covid-19. Ele estava internado desde o dia 11 de junho no Instituto do Coração (InCor), ligado ao Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo (USP). De acordo com a nota do hospital, Romano “evoluiu nas últimas semanas com quadro clínico grave, que culminou em falência de múltiplos órgãos”.

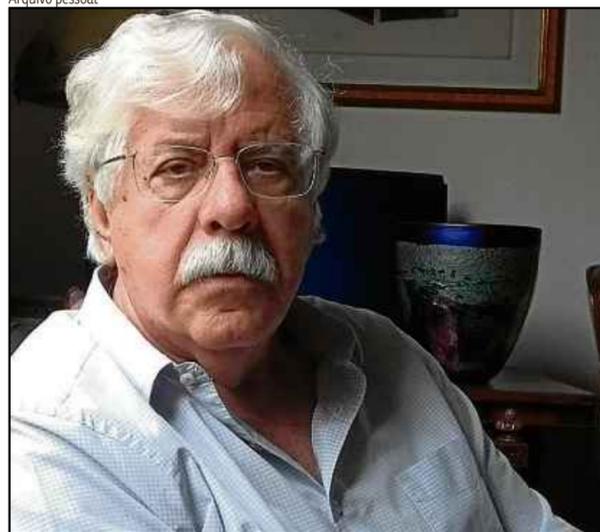
Graduado em filosofia em 1973 e doutor pela L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França, em 1978, Romano era professor titular aposentado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade de Campinas (Unicamp). “Nossa universidade lamenta profundamente o faleci-

mento do professor Roberto Romano. Sempre se caracterizou pela defesa do ensino público e das nossas instituições de fomento à ciência e tecnologia”, disse o reitor da Unicamp, Antonio José Meirelles.

Romano era uma respeitada voz da academia crítica ao atual governo federal. Ao *Correio*, em 2018, salientou as semelhanças entre de Jair Bolsonaro e o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, “que tem governado apenas para quem o sufragou” — chegou mesmo a alertar que o ex-ocupante da Casa Branca era um “exemplo negativo” e que não deveria ser seguido pelo presidente brasileiro. Já ali, Romano vaticinava: “do contrário, poderá ver resistência de opositores e o enfraquecimento do apoio vigoroso que recebeu do eleitorado”.

“Não vejo no horizonte grandes expectativas de diálogo, o

Arquivo pessoal



Ao *Correio*, Romano previu a desidratação do governo Bolsonaro

que seria muito desejável. Não vejo planos de um fortalecimento do Estado de direito. Vejo no horizonte muita tensão entre os Três Poderes e os setores da sociedade. Mesmo no plano das elites econômicas, boa parte dos acenos que Bolsonaro fez durante a campanha não está podendo

ser cumprida. E são notáveis alguns interesses predominantes no Congresso Nacional”, previu.

Ainda sobre o governo Bolsonaro, salientou que as complicações com as instituições começaram a ser criadas antes mesmo da posse. “Estamos vendo rateios por parte da equipe de Bolsona-

ro. Afirmativas terríveis, não apenas desastrosas, mas errôneas. Por exemplo: essa história de dar uma prensa no Congresso é um erro estratégico tremendo. Ele vai precisar do apoio do Congresso”, salientou.

Romano também adiantou, em 2020, ao *Correio*, o derretimento de Bolsonaro por causa dos conflitos que o presidente criou com figuras que se destacam no seu governo: “Eu acho que ele está pagando um preço altíssimo. Fora aqueles 25% que são seguidores incondicionais dele, está havendo uma desidratação do seu eleitorado justamente por causa desse tipo de coisa. Em primeiro lugar, ele comprou uma estrela de primeira grandeza do moralismo nacional, o Sergio Moro. Ele era, digamos assim, um salvo-conduto para vastos setores da classe média brasileira. Quem acompanhou a vida de Moro sabia que ele não estava lá pelos belos olhos do Bolsonaro”.

O professor foi autor de livros como *Brasil, Igreja Contra Estado, Conservadorismo Romântico, Silêncio e Ruído – A Sátira e Denis Diderot e Razão de Estado e Outros Estados da Razão*.